



DEZEMBRO, MÊS DOS CLÁSSICOS

Além das obrigatórias músicas natalinas saindo das caixas de som das lojas de departamento, os sons do Rio em dezembro vão do batuque das rodas de samba, já antecipando o carnaval em alguns meses, à MPB e ao pop rock das (agora reabertas) casas de show. Em 2021, a música de concerto também disputará os ouvidos e a atenção do público da cidade, em uma temporada que seguirá durante o mês, marcando não só as festas de fim de ano, mas também o reencontro das orquestras com o público, após quase dois anos de restrições causadas pela pandemia de Covid-19.

Neste fim de semana, a Cidade das Artes dá o pontapé na temporada, que vai até dia 19, no espaço. Hoje, a Orquestra Rio Sinfônica apre-

senta um programa com obras de Tchaikovsky; amanhã, a Grande Sala receberá o Concerto de Natal Solidário da Orquestra de Solistas do Rio de Janeiro. A data mais aguardada da programação do local (que também receberá a Camerata Jovem do Rio de Janeiro e a Orquestra Sinfônica Brasileira) será a volta da **Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp)** à Grande Sala depois de cinco anos. No dia 12, a formação regida pelo maestro suíço **Thierry Fischer** apresenta na casa da Barra um programa que une peças do russo Sergei Rachmaninoff e o argentino Astor Piazzolla à obra inédita “Chegança e ímpeto”, assinada pelo brasileiro Paulo Costa Lima.

A relação da cidade com a música de concerto seguirá a partir do dia 10 com a primei-

ra edição do Festival Internacional de Música e Arquitetura (Fima), que levará apresentações a joias arquitetônicas como o Real Gabinete Português de Leitura, o Parque Lage, o Sítio Burle Marx, o Outeiro da Glória e a Igreja Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé. Outro palco nobre dos clássicos na cidade, a Sala Cecília Meireles terá como destaque de sua programação do mês a presença de Bruce Liu, vencedor do Primeiro Prêmio no 18º Concurso Internacional de Piano Frédéric Chopin de Varsóvia, que se apresenta no Rio (12), em São Paulo (14) e Brasília (16).

Para a **Osesp**, além da última apresentação de 2021, o concerto no Rio marca a volta das viagens da orquestra: é a primeira performance fora do Estado de São Paulo após a quarentena. No segundo se-

mestre deste ano, **Thierry Fischer** finalmente pôde assumir plenamente a formação após substituir Marin Alsop em janeiro de 2020 (a maestrina atualmente é diretora musical da instituição). O suíço ficou de março a novembro do ano passado fora do Brasil, e, com o aumento dos casos de Covid-19 este ano, só voltou ao país regularmente depois de junho.

—Claro que senti uma certa frustração por não poder estar perto da orquestra da forma que gostaria. Mas, ao mesmo tempo, isso me fez entender mais ainda o tamanho desta responsabilidade. Mesmo com a pandemia, chegamos a milhares de pessoas, através do streaming. A música é como um elemento da natureza, como o vento, a tempestade, que nada pode conter —comenta Fischer.